



**Professores Brasileiros e Argentinos:
Suas Reflexões Sobre a América Latina na Sala de Aula**

Leia Adriana da Silva Santiago¹

Resumo: Este artigo tem como objeto de reflexão os conteúdos referentes à América Latina, no ensino de história, com o propósito de analisar as representações e as semelhanças e diferenças existentes na prática dos professores, bem como perceber se os conteúdos veiculados sobre a América Latina, nas escolas do Brasil e da Argentina, têm contribuído ou não para a ressignificação de um ensino de história que estimule a formação da identidade latino-americana. Para tal, são analisados trechos de entrevistas realizadas com sete professores da cidade de Florianópolis (Brasil) e de Córdoba (Argentina), a fim de perceber numa análise comparativa os sentidos que são dados por eles para o que efetivamente produzem no contexto da sala de aula. Esta pesquisa se conclui com a constatação de que os professores praticamente têm à sua disposição o que é veiculado pelas propostas curriculares, possibilitando o predomínio de temas, que compõem o arcabouço da seleção de conteúdos de história, que seguem uma tradição já consolidada. Entretanto, eles têm demonstrado ter à mão, a capacidade criadora de dar novos significados ao prescrito, possibilitando assim, alguns sinais de tentativa da formação da identidade latino americana.

Palavras-Chave: América Latina. Ensino de História. Práticas Docentes.

**Brazilian and Argentinian Teachers:
Their Reflections on Latin America Contents in the Classroom**

Abstract: This article has as object of reflection the contents referring to Latin America, in the teaching of history, with the purpose of analyzing the representations and the similarities and differences existing in the practice of the teachers, as well as to realize if the contents conveyed on Latin America, in the schools of Brazil and Argentina, have contributed or not to the resignification of a teaching of history that stimulates the formation of the Latin American identity. To do so, we analyze segments of interviews with seven teachers from the city of Florianópolis (Brazil) and from Córdoba (Argentina), in order to perceive in a comparative analysis the meanings that are given by them to what they actually produce in the context of the classroom. This research concludes with the observation that teachers have practically at their disposal what is conveyed by the curricular proposals, allowing the predominance of themes, which make up the framework of the selection of contents of history, which follow an already consolidated tradition. However, they have demonstrated to have at hand, the creative capacity to give new meanings to the prescribed one, thus allowing, some signs of attempt to the formation of the Latin American identity.

Keywords: Latin America. Teaching History. Teaching Practices.

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Instituto Federal Goiano (Campus Morrinhos).



Introdução

Em pesquisas realizadas anteriormente centramos a atenção no que tem sido veiculado sobre a América Latina nas propostas curriculares e nos livros didáticos por compreender que ambos, conforme sinaliza Certeau (2008), são estratégias que postulam um lugar de poder e foram produzidos no externo da escola. Dos resultados obtidos vimos que a América Latina continua sendo representada no passado como o aporte de uma história “maior”, que compreende a história europeia.

Neste texto, a atenção será ampliada a partir das representações que os professores efetivamente produzem no contexto da sala de aula sobre os conteúdos referentes à América Latina, uma vez que, “conocer las representaciones de los docentes resulta necesario para comprender lo que sucede en las aulas, y repensar los espacios de formación inicial y continua” (BENCHIMOL, 2010, p. 59).

Se de um lado, as estratégias, postuladas por um lugar de poder definem uma forma de veicular os determinados conteúdos sobre a América Latina, de outro, é o professor que no interior de sala de aula dá visibilidade e propicia inúmeras táticas de apropriação do saber. Ao propiciar tais táticas, o professor não somente expõe o conhecimento ao aluno, ele também interpela, media, coloca em outro lugar, outro patamar. Ele busca palavras que são mais impactantes, que provoquem, que emocionalizem e que assumam posições (SOUZA, 2001).

Tardif (2000, p. 10) também observa que os saberes do professor provêm de diversas fontes. Em seu trabalho, ele se serve de sua cultura pessoal, de sua história de vida, da cultura escolar anterior, apoia-se em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, em conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional, como também em conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares, baseia-se em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de outros professores e em tradições peculiares ao ofício de professor.

Assim, das questões que nortearam o desenvolvimento deste escrito destacamos: Que representações sobre a América Latina emanam na transmissão do conteúdo que o professor



efetiva? Tem sido estimulada a formação da identidade latino-americana, através do que é possível captar nas falas dos professores sobre o que foi praticado na sala de aula?

Para dar visibilidade às questões levantadas, escolhemos como instrumento de coleta de dados a entrevista do tipo semiestruturada. Nessa perspectiva, entrevistamos três professores da rede estadual e federal da cidade de Florianópolis (Brasil) e quatro professores da rede provincial e nacional de Córdoba (Argentina), que lecionam no oitavo e nono anos da educação básica.

O trabalho realizado junto aos professores deu a possibilidade de vermos o que tem sido veiculado na sala de aula e também nos proporcionou outras percepções, como a dos seus interesses pessoais a respeito da América Latina, da formação inicial, da formação continuada, do currículo, dos livros didáticos e do MERCOSUL.

Os Professores e a América Latina

Com todos os professores entrevistados, tivemos o interesse de perguntar qual havia sido o seu primeiro contato com o tema América Latina. Houve um sentido dado para a pergunta colocada aos professores, pois ela nos serviria para perceber quais as apropriações que são feitas entre o saber adquirido, através da experiência ou da história de vida, e a seleção de conteúdos que os professores veiculam na sala de aula.

Começando com os professores brasileiros, o professor Nildo – graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e está há 27 anos magistério da rede pública estadual – nos informou que o interesse pelo tema América Latina surgiu nas décadas de 1970 e 1980, com as lutas pela liberdade, pela democracia e contra os regimes autoritários da América Latina.

O que marcou para mim como estudante, como professor e estudante ao mesmo tempo sobre a América Latina, foi assim mais na década de setenta e oitenta como estudante. Todos aqueles movimentos que surgiram na América Latina, pela democracia, pela liberdade, contra os regimes autoritários da América Latina. Então eu, como estudante, o primeiro livro que eu li, que me entusiasmou, que me chamou a atenção foi o livro “As Veias Abertas da América Latina”, do Galeano que, na época do movimento estudantil, na universidade, era um livro muito lido e conhecido com a conjuntura da América Latina, dos regimes autoritários, da luta democrática. Então ali surgiu esse sentimento de referência pelo estudo, pelos fatos da América Latina como um todo. Aí a gente vê pelas músicas da Mercedes Sosa. Então eu fui me achegando à década de setenta e me envolvi no movimento social, dos estudantes, no DCE aqui de Florianópolis. Eu fui representante dos estudantes de Santa Catarina, aqui na História, aqui em Florianópolis, no movimento estudantil. Então eu acho que esse momento latino-americano, né? Esse período eu achava que tinha a necessidade de estudar e conhecer e de pensar o Brasil dentro da América Latina, né? Como um país democrático, na busca pela democracia, da liberdade, nós sabíamos que isto não era só no Brasil, era toda uma situação da América Latina.



Percebemos semelhanças nas respostas dadas para esta questão, entre o professor Nildo e o nosso segundo entrevistado, o professor Mário – doutor em História Social. Este último foi indicado pelo professor Nildo para participar da pesquisa, por serem amigos e professores da rede estadual de ensino da Grande Florianópolis e por terem trabalhado juntos na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, durante o período de execução da proposta curricular estadual de 1991. Embora o professor Mário não defina um dado específico de interesse sobre o tema, como fez o professor Nildo, ele relata a respeito do impacto causado pelo livro “As Veias Abertas da América Latina”, sobre o tema da América Latina.

É um marco interessante, né? A gente não deixava de ver “As Veias Abertas da América Latina”, do Galeano. As “Veias Abertas da América Latina”, hoje, se pudesse fazer uma crítica, até poderia ser feita, mas naquele momento, ele te abre. Então, algumas coisas como, espera aí, não adianta Brasil, né? Não adianta pensar a tua universidade, têm que pensar na América, aqueles são teus pares. Se você for pensar a América Latina, nós que temos um idioma espanhol, português, aí isso tudo fazia parte da nossa discussão estudantil, das movimentações e tudo o mais! É claro que isso também vai nos colocando num universo que é muito mais largo do que a estreiteza que a gente tinha de ver as coisas, né? O bom do livro é que ele traz um conteúdo que te dá uma “porrada” na testa, que você passa a enxergar o que não enxergava.

De fato, ao ler o texto de Eduardo Galeano, editado em 2007, sendo esta a 47ª edição, é possível pensar que o texto tenha sido lido por diversas pessoas e exercido um impacto sobre elas. Quando olhamos o prefácio, escrito por Isabel Allende², ele descreve que o livro “As Veias Abertas da América Latina”, fez com que Eduardo Galeano ficasse famoso da noite para o dia. Segundo a escritora Isabel Allende, a obra de Galeano é uma combinação de meticulosidade, convicção política, ambiente poético e arte de contar. Para Isabel Allende: “As Veias Abertas da América Latina é um convite a explorar o que está além da aparência das coisas. Uma literatura superior como essa desperta a consciência, liga as pessoas, interpreta, explica, denuncia, registra e provoca mudanças” (GALEANO, 2007, p. 11).

Para além da semelhança, exposta pelos dois professores da leitura do livro de Eduardo Galeano, o relato do professor Mário não limita o primeiro contato com o tema da América Latina com apenas este dado. O professor incorpora mais dois elementos que estiveram presentes no seu contato com o tema da América Latina, sendo um deles também exposto pelo professor Nildo.

² Escritora e jornalista chilena. É filha de Thomas Allende, funcionário diplomático e primo irmão do presidente do Chile, derrubado pela ditadura militar, Salvador Allende. Dados retirados do site <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/allende/>, acesso em 07/08/2011.



Tem outro dado interessante da América Latina presente, porque eu sou da época dos festivais da Record e da Tupi. Eu tenho 57 anos de idade, quando nasceram os festivais, eu era muito garoto, na minha casa não tinha televisão, mas tinha uma vizinha nossa, que os filhos dela gostavam muito de música. Eu, na minha condição econômica, escutava alguma coisa, né? E eles ficavam vendo o festival e eu ficava junto. Então você imagina que eu vi o festival com a Elis Regina, pela televisão, com o Geraldo Vandré, com Paulo Sérgio Valle, Marcos Valle, tudo isso, né? E as músicas daquela época já pensavam a América.[...]Então, a América tá presente lá, antes da minha formação, porque a musicalidade, eu sou muito musical, por influência desses amigos, dessa família. Então, a América vem como um gancho meio assim, nebuloso, mas ela vem vindo. Mercedes Sosa, quando se apresentava, a voz. Eu tive o prazer de ver seis espetáculos ao vivo com ela. Um aqui em Florianópolis e outros fora, e era aquela coisa pujante da América Latina, né?

O outro elemento, incorporado pelo professor Mário, nos primeiros contatos com o tema América Latina, foi o livro escrito por Dom Helder Câmara, intitulado “O Deserto é Fértil”: “quando você pensa na América Latina foi neste aspecto, quer dizer, esse livro “As Veias Abertas” e “O Deserto é Fértil”, que são mais ou menos próximos, contemporâneos, eles te abrem um universo, que você até então, até já pensava, mas você não tinha a amplitude que eles passam a te dar.

Tratando-se da terceira entrevistada, a professora Ivonete, sua formação na graduação em História, também se deu durante o período da ditadura militar brasileira. Além de ser graduada em História, a professora Ivonete fez especialização em Antropologia Social e mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou por 25 anos na rede pública, sendo os últimos 17 anos na rede federal de ensino. Para a professora Ivonete, seu primeiro contato com o tema América Latina foi no período da graduação, na vivência acadêmica com os colegas, que discutiam as questões políticas do período, nos corredores da universidade, dentro de barzinhos e no restaurante universitário.

Então, a gente tinha discussão de corredor, muita discussão de barzinho e não era discussão fútil, era discussão política, né? Isso era uma vivência acadêmica muito grande. Discutíamos no RU todos os dias! Durante o almoço a gente discutia, assim, política calorosamente.

A América Latina estava vinculada à crítica social e às discussões políticas que ela, junto com seus colegas, faziam naquele momento.

Na graduação, a gente tinha alguns envolvimento em crítica social, na crítica política e essa crítica política e crítica social conseguia achar um campo de discussão muito grande, exatamente na discussão sobre a América Latina. Então, o peso político da América Latina era o momento da ditadura, ditadura na América Latina, então, discutia-se a sociedade naquele momento, da mesma forma que discutia a América Latina e tudo o que se tinha de denúncias era em torno dos países da América Latina.



A fala da professora Ivonete se assemelha ao que foi trazido pelos dois professores, porque, embora não cite o livro de Eduardo Galeano ou as músicas de Mercedes Sosa, ela também traz o tema da ditadura militar, referindo-se à sociedade, às denúncias em torno dos países latino-americanos.

O primeiro contato com o tema América Latina também se assemelha aos demais depoentes brasileiros, uma vez que se deu durante o período de graduação em História, porém, não foi no interior das discussões científicas dispostas pelas disciplinas do curso, mais especificamente, das disciplinas de História da América. Ao contrário disso, tanto a professora Ivonete como o professor Mário expõem certa decepção relacionada às disciplinas de História da América, no curso de graduação em História. Assim expõe o Professor Mário:

[...] quando eu fiz o curso de História as disciplinas de América eram uma tristeza. Por questões de ética não vou dizer quem a ministrava, mas era uma pobreza imensa e a gente queria discutir a América Latina em todas as suas questões, a questão sandinista, apontando uma liberdade. Outra, a questão de Cuba, né? É lógico que discutir os incas e os maias era fundamental, mas fundamental na hora do pinga fogo ontem e hoje? Hoje e o ontem não era possível, também ainda era a ditadura militar.

A fala da professora Ivonete aponta, assim como a do professor Mário para o descompasso entre o que ela como aluna queria discutir e o que os professores da disciplina de América Latina trabalhavam no contexto acadêmico. Diferentemente do professor Mário, a professora Ivonete não cita os conteúdos que eram discutidos, mas mostra que o fato dos professores serem norte-americanos, mais especificamente dos Estados Unidos, já causava um rechaço em relação ao que era ministrado por eles.

[...] naquela época, a gente tinha duas disciplinas de América Latina. América Latina não, de América, só América, América um e dois. Essas duas disciplinas, por coincidência, eram ministradas por professores dos Estados Unidos. Então, era assim, a gente tinha um descompasso entre o que queria discutir de América Latina, o que a gente pensava de América Latina, porque, fosse ingênua ou não a nossa cultura, mas tinha um descompasso entre o que esses professores dos Estados Unidos traziam de discussão. Então, assim, as discussões que os professores dos Estados Unidos traziam, naquele momento como estudante, a gente acabava rejeitando.

O que se vê, nas falas dos professores, é a representação construída de uma integração latino-americana. “Pensar a América Latina como um todo”, “olhar o Brasil dentro da América Latina”, “olhar os seus pares”, “o peso político da América Latina”, foram expressões utilizadas pelos professores, que representam uma integração que poderia ter sido construída, nos casos do professor Nildo e do professor Mário pela leitura do texto de Galeano – uma vez que este autor traz,



na segunda parte do livro, um subtema específico sobre a integração da América Latina – ou pelas músicas de Mercedes Sosa, que podem ter representado um olhar diferenciado sobre o povo latino-americano, através da voz de protesto contra a opressão que se propagou na América Latina.

No que se referem às quatro professoras argentinas entrevistadas a questão do primeiro contato com o tema da América Latina se diferencia do relato dos professores brasileiros, com exceção de uma das entrevistadas. Iniciamos as entrevistas com a professora Edith, que foi o nosso contato em Córdoba (Argentina), durante todo o processo de seleção das fontes escritas e orais. A professora Edith iniciou o curso de graduação em História no ano de 1983. Além da formação em História, concluída na Universidade Nacional de Córdoba, ela é pós-graduada em Ciências Sociais. Desde 1993, leciona na Escola de Comércio Manuel Belgrano e trabalha junto à formação docente do curso de História, da Universidade Nacional de Córdoba, ministrando matérias sobre a ciência docente.

A professora Edith, ao responder sobre o seu primeiro contato com a América Latina, colocou que isto se deu no período de sua formação acadêmica, no curso de História. No entanto, penso que a resposta dada pela professora não se centrou no aspecto do primeiro contato, mas no trabalho realizado por um professor sobre temas referentes à América Latina.

No período de formação, o impacto foi causado por um professor, exilado do México, [...] Nos deu uma visão diferente sobre América Latina, muito diferente do que havíamos visto em América I, que era muito tradicional, muito centrada em acontecimentos, sem uma visão problematizadora da América Latina. Isto ocorreu com este professor mexicano, sobretudo nas problemáticas de discussão da constituição do Estado, nos processos de ruptura do período colonial, nos abriu um novo campo historiográfico com referências bibliográficas para trabalhar este período. Tivemos acesso a autores diferentes para trabalhar no século XX.

É possível perceber tanto no relato da professora Edith como nos relatos dos professores brasileiros, Mário e Ivonete, a manifestação do interesse de apropriar-se do passado a partir das questões relacionadas ao seu tempo presente. Isso nos remete a pensar em Rüsen (2001), que descreve que a formação da consciência histórica está articulada a dois elementos, que se identificam pelo passado como experiência e o presente e o futuro como campos de ação orientados por este passado.

A segunda entrevistada, a professora Teresita, também manifesta o interesse de apropriar-se do passado a partir das questões relacionadas ao seu tempo presente. Ela não se posiciona do mesmo modo que a professora Edith em relação ao seu contato com o tema América Latina. A



formação da professora Teresita, também se diferencia das demais entrevistas. Ela primeiramente trabalhou no ramo da advocacia para somente aos 26 anos de idade decidir fazer o curso de História e se tornar professora. Em 1996, ela iniciou a formação do professorado³ em História no Curso Antônio Cabral e, posteriormente, já atuando como professora fez a licenciatura na Universidade Católica de Córdoba. A partir do ano de 2000, passou a lecionar nas escolas privadas⁴ da cidade de Córdoba.

De acordo com a professora Teresita, o seu contato com o tema América Latina se deu por interesse próprio, por leituras que foi fazendo e não necessariamente através das disciplinas ministradas durante a formação inicial. Para ela o tema América Latina ministrado durante o curso de graduação, versava sobre a América colonial e o período da independência, não havendo a preocupação de se discutir a América Latina contemporânea.

Já a professora Eugênia relata que a época em que ingressou na universidade foi no período da abertura democrática argentina, na década de 1980. Ela tem vinte e seis anos de magistério e iniciou a carreira lecionando a disciplina de música e, posteriormente, após licenciar-se na Universidade Nacional de Córdoba, passou a lecionar a disciplina de História. Ao longo desses anos de magistério tem lecionado em escolas bilíngues e escolas provinciais.

A professora Eugênia descreve que na sua formação inicial, a universidade era uma instituição que estava bastante politizada, pois aquele era um momento de abertura democrática. Assim, assemelhando-se à professora Edith, relata a presença de um professor que também marcou sua caminhada acadêmica e lhe possibilitou os primeiros contatos com o tema América Latina.

[...] havia um professor que tinha um conhecimento muito notório e eu me aproximei dele, me interessava muito a integração. Nesses anos, já estava presente a literatura sobre a CEPAL e outros mercados de comércio, mas no que se refere à formação de estudos históricos, víamos a América Latina a partir de um processo histórico de emancipação dos povos latino-americanos. Não é como hoje, que tratamos de analisar quais são os processos atuais das relações comerciais, políticas e outros. Era um enfoque histórico, e não um enfoque econômico, demográfico, sociológico.

³ Segundo as informações dadas pela professora Teresita, o professorado prepara o aluno para atuar na área do ensino.

⁴ Indicamos que os professores selecionados estariam vinculados aos órgãos provincial e nacional da Argentina. Entretanto, há dois aspectos que me fizeram incluir a professora Teresita, entre os entrevistados. O primeiro aspecto é que a professora Teresita, foi indicada pela professora Edith. O segundo aspecto é que a professora Teresita, embora lecionasse em escolas privadas, recebia seus proventos salariais pelo governo da Província e leciona em escolas com o mesmo regime de conteúdos curriculares da Província, por serem estas escolas subsidiadas pelo governo provincial.



Notamos nas palavras da professora Eugênia que, no período de sua formação, havia um conhecimento a respeito da existência de literatura produzida sobre a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Entretanto, seu aprendizado no contexto da universidade se deu dentro de um enfoque histórico, iniciado pela emancipação dos povos latino-americanos. Observamos também que a professora esclarece que este enfoque histórico se separava do enfoque econômico, demográfico e sociológico.

A CEPAL, fundada em fevereiro de 1948, tinha como objetivo a criação de um pensamento latino-americano, que fosse autônomo em relação às Teorias Clássicas de Comércio Internacional e, também, dar forma concreta a uma ideia originada no pensamento latino-americano de ver seus próprios problemas econômicos, as causas dos mesmos e os possíveis meios de lhes dar soluções (PONTORIERO, 2002).

Assim, observando o que foi proposto pela CEPAL, podemos pensar que o que foi tratado por ela, não foi objeto de estudo, no transcorrer da formação inicial da professora Eugênia pelo fato de que o que foi visto sobre a América Latina separava o enfoque histórico do enfoque econômico, demográfico e sociológico.

A professora Mercedes, por sua vez, iniciou sua carreira como professora na Escola de Comércio Manuel Belgrano, após a sua formação no professorado e na licenciatura. Somente dez anos depois de já estar atuando nesta escola, também passou a lecionar nas escolas da província de Córdoba. Seu primeiro contato com o tema América Latina se deu na universidade, através dos estudos ministrados por um professor. Seu relato se difere da professora Edith e da professora Eugênia, porque ela não caracteriza os temas de estudos da América Latina: “Na universidade nós estudamos com bastante profundidade tudo o que se referia à América Latina. Tivemos um professor extraordinário, foi muito bonito como ele ministrava sua disciplina, como nos interiorizamos e como estudamos a América Latina”.

Dadas as apresentações de cada um dos sujeitos que compõem neste trabalho as fontes orais, num primeiro olhar percebemos que, com exceção da professora Teresita, o contato dos professores argentinos com o tema América Latina se deu no contexto da formação inicial, nos programas do curso de História. Entretanto, para os professores brasileiros, que tiveram sua formação inicial durante o período da ditadura militar no Brasil, o conhecimento do tema não foi



adquirido no programa específico do curso de História, mas foram saberes produzidos nas relações estabelecidas com o “outro” e nos diferentes espaços do campus universitário.

Já com as professoras argentinas Edith, Eugênia e Mercedes, embora haja variações no período de suas formações, foi no programa específico do curso de História que se deu o contato com a América Latina. Para as três professoras, isso se deveu ao papel desempenhado por um professor que ministrava a disciplina de América. Nesse sentido, cabem aqui as palavras expostas no início desta seção, quando sinalizamos – utilizando as pesquisas de Souza (2001) – que o professor, ao propiciar inúmeras táticas de apropriação do saber, não somente expõe o conhecimento ao aluno, ele interpela, media, põe em outro lugar, outro patamar; ele busca palavras que são mais impactantes, que provoque, que emocionalize e que assuma posições.

A América Latina na Sala de Aula: O Lugar da Prática

No início deste escrito, propusemos perceber se o que tem sido veiculado no contexto da sala de aula um ensino de História que estimule nos alunos a integração regional e a formação da identidade latino-americana. Assim, perguntamos aos professores a respeito do que eles têm proposto sobre a América Latina no contexto da sala de aula para os alunos do oitavo e nono ano no Brasil e na Argentina. O professor Nildo afirmou que o material que existe sobre a América Latina é muito restrito e continua o seu relato dizendo que:

[...] da minha experiência, o que eu trabalhei sobre a América Latina eu sempre procurei, no oitavo ano, como superar, como que alguns países da América Latina ou a América Latina podem superar a dependência econômica. Como ela pode superar essa dependência econômica, esse subdesenvolvimento ou como ela pode atingir o desenvolvimento, tanto econômico, quanto político. Então eu sempre trabalhei com a perspectiva de que a América Latina teria de superar formas de governo de oligarquias, superar o problema fundiário, que é muito característico da América Latina, a questão da grande propriedade fundiária e que muitos países da América Latina buscaram caminhos de lutas, de libertação, lutas até de conflitos armados, né? Tivemos algumas experiências na América Latina de superar esse atraso que, na verdade, nem toda a experiência foi bem sucedida. Então, eu sempre procurei trabalhar a necessidade da América Latina em superar seu subdesenvolvimento, sua dependência, ela precisa atingir certo grau de estabilidade política, de democratização. Aí, eu analisei a questão da Revolução Cubana, a questão do movimento sandinista, na América Latina.

Do nono ano, o professor Nildo sinaliza que dá a continuidade ao que tem trabalhado no oitavo ano:

Qual é o caminho da evolução, da independência da América Latina? Qual é o caminho? Aí vem a importância do MERCOSUL, né? Como os países europeus têm, desde o comércio comum, têm a moeda deles, têm uma visão de proteção entre si, tem um parlamento, eles têm uma moeda. Então, na América Latina também se faz necessário isso. A conclusão que



eu tenho é que nenhum país da América Latina vai conseguir essa prosperidade se não for regional, não tem saída, tem que ser regional e nada melhor do que o continente, né? Geograficamente falando. O Brasil tem riquezas naturais, o Uruguai também tem riquezas naturais, Paraguai, Chile tem um grande oceano, mas como vamos superar, como vamos ter uma projeção internacional? Como vamos ter uma prosperidade econômica na América Latina, como vamos superar o problema do desemprego em massa, as favelas, né? Como em Medellín, como em São Paulo, Rio de Janeiro, como fazer isso? Então, então, essa superação o Brasil não vai conseguir sozinho, a gente precisa de um país continental, essa coisa toda, né?

Nos fragmentos retirados do depoimento do professor Nildo, está a representação de que a América Latina é uma região subdesenvolvida e que possui governos oligárquicos. Nesse sentido, o conteúdo veiculado na sala de aula perpassa essa representação na intenção tanto de criticá-la quanto de superá-la. Para tanto, o professor expõe temas como a Revolução Cubana, a questão do Movimento Sandinista, que no seu entendimento buscaram superar o subdesenvolvimento.

Essa questão de superar, de solucionar os problemas pode ser apontada como uma militância advinda de sua juventude e que está presente no seu fazer cotidiano da sala de aula, uma vez que os saberes profissionais dos professores são adquiridos através do tempo, vindos de sua história de vida e sua história de vida escolar e se manifestam através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações, de certezas sobre a prática docente, que permanecem fortes e estáveis ao longo do tempo (TARDIF, 2000). A resposta do professor Mário aponta os temas que vem discutindo no oitavo e nono anos:

Às vezes você está discutindo a questão da América, então, no oitavo, você pega lá, os maias e os astecas, o que é que eles deixam para a gente de legado? Como legado? O que eles produziram? Vocês têm ideia que o conceito de zero que a gente usa não é, não é árabe? O zero que a gente usa é um conceito maia, asteca, é zero como vazio, zero como nada, né? [...] Aí você vê a capacidade que eles tinham de fazer drenagem dum pântano para plantação de arroz para alimentar a população. Aí você vai trabalhando, você vai mostrando imagens, as construções que existem, que têm, olha só o que tem de engenharia, de arquitetura, de matemática de cálculo de física, não é? De química. Como é que essa civilização era ou não era, não é? Era atrasada? Aí vem um aluno e diz assim: ah! mas eles tinham lá o ritual, não é isso? Do sacrifício humano. E hoje não tem? E os que morrem de fome todo dia? Precisa subir na pirâmide e se jogar lá de cima? Aí você vai fazendo esse contorno, aí você trabalha com as imagens, aí tem um vídeo que mostra um pouco desse confronto, né? Do ontem, do hoje, você acha absurdo aquilo e daqui do teu lado, como é que faz?

Do nono ano, ele explana:

[...] geralmente, quando eu trabalho no nono ano, eu pego questões assim, o que foi a questão da Nicarágua? O que representa a junta de El Salvador, né? O que representa, como é que é, os Zapatas no México, né? O que representa mesmo a Revolução Cubana? Aí, junto com a América Latina, o que representa a guerrilha do Araguaia, a guerrilha do Vale da Ribeira? Certo! Ao mesmo tempo, para chegar nos meninos, o que representa o



movimento da catraca? Isso tudo tem ligação. Por que vocês querem passagem de ônibus melhor? Não tem a passagem? Se não fosse isso você ia e voltava para qualquer lugar? É o que esse povo tinha na Nicarágua, mas foi impedido. Aí você trabalha essa questão. Aí você tem muita imagem, muito texto para trabalhar, né?

Há semelhanças nas falas dos professores Nildo e Mário quanto à escolha dos temas trabalhados como conteúdos em sala de aula. Entretanto, quando se trata do modo como este último expõe o conteúdo, ele faz uso de táticas diferentes para a apropriação de um saber. Com o professor Mário os conteúdos referentes aos movimentos revolucionários da América Latina, também entram na aula, porém, suas táticas de apropriação do saber vão na direção de comparar esses movimentos contidos na história da América Latina com movimentos revolucionários ocorridos no Brasil, tanto no passado, quanto no presente. O modo como o professor Mário abordou esses conteúdos assemelha-se ao que foi proposto por Reichel (apud MARFAN⁵, 1998) no I Seminário de especialistas no ensino de História e Geografia do MERCOSUL Educacional, ao expor que é necessário estimular abordagens comparativas que possibilitem a identificação de traços de identidade comuns ou de aproximação entre os países latino-americanos.

Ainda no depoimento do professor Mário, está outro conteúdo abordado sobre a América Latina: os povos ameríndios. Como já citado anteriormente, esse tema já estava presente na proposta curricular brasileira na década de 1930. Observamos que o professor procura expor esse tema respeitando as diferenças culturais no tempo e no espaço. Assim, quando questionado pelos alunos sobre os sacrifícios humanos, presentes nos rituais religiosos dos maias e dos astecas, o professor, além de não expor uma representação negativa do ritual, ainda mostra que a sociedade atual também tem questões que precisam ser resolvidas, como a fome e a morte causada por ela.

Pelos depoimentos dos dois professores, compreendemos que os temas selecionados sobre a América Latina são incluídos nos documentos prescritos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, ou advindos de propostas curriculares anteriores aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mas que foram abrangidos por esta última proposta, pois como observa Goodson (1995), o currículo é constituído de conhecimentos considerados socialmente válidos. A professora Ivonete relata que:

⁵ As discussões das mesas-redondas do Primeiro Seminário de Especialistas do Ensino de História e Geografia, foram organizados e publicados por Marilda Almeida Marfan.



A maioria é do conteúdo de oitavo ano. É que assim, a minha vida profissional, como professora, ela se divide entre antes e depois de “Estudos Latino-Americanos”. [...] Então assim, os conteúdos antes de América Latina, eu levei os alunos para a Argentina, com adolescentes. Nós ficamos três dias na rua. Fomos no Rio Grande do Sul, fomos nas missões jesuítas no Rio Grande do Sul e nas missões em San Ignacio. Então, por exemplo, aquele conteúdo eu me lembro bem, foi mais de um bimestre discutindo a América Latina, as missões, a guerra. [...] Então foi assim, eu estava falando da colonização e uma colonização de forma macro, deu para incluir para os alunos da do oitavo ano, as missões jesuítas, porque a colonização jesuítica vai ser diferente da colonização portuguesa e espanhola. Ela é outra colonização. Então, deu para inserir isso e deu para descer até níveis mais capilares, por exemplo, eu cheguei a dar para os alunos, material sobre, material colhido naquela coleção “História do Brasil”, sobre as cartas jesuíticas. Ali os jesuítas vão falando do caso de uma índia que tinha uma criança..., eles vão falando coisas particulares. Então eu consegui, naquele momento, articular a questão macro, que era o sistema colonial, com uma especificidade do sistema colonial, manifestado ali no sul da América do Sul, que envolvia três países e que conseguia ler aquilo também por meio da trama pessoal dos indígenas, expresso nas cartas dos jesuítas.

Com a inclusão da disciplina de Estudos Latino-Americanos na escola onde lecionava, a professora Ivonete prossegue sua narrativa dizendo que:

Com Estudos Latino-Americanos, acho que têm algumas coisas que se destacam que cai nas graças dos alunos, que é a sociedade pré-colombiana. Então eu trabalhei com algumas civilizações. Não só os Incas, Astecas e Maias. Trabalhei os Olmecas, os Chichimecas, os Toltecas, né? [...] Os alunos já tinham estudado antes as civilizações da antiguidade oriental e antiguidade clássica. Então eles vêm com aquela visão grandiosa. Eu gostava de contrapor essa visão grandiosa que eles traziam da antiguidade com a grandiosa das civilizações americanas. Eu achava que esse contraste era interessante. É interessante porque os alunos ficavam muito surpresos, era uma surpresa, porque viam as imagens ali, das cabeças dos Olmecas, as grandes cidades das civilizações latino-americanas e perceber como isso é desconhecido. E é desconhecido por quê? Porque os alunos só tinham essa informação na sala de aula de “Estudos Latinos”. Então eu dava na sala de informática, quando podia, eu levava no Google, para pesquisar as imagens da América Latina. Os alunos quando vão para a sala de informática não pesquisam história, né? Então em sala de aula eu forçava isto. Esse conteúdo e os mitos latino-americanos, a história mitológica, a explicação da origem das coisas dadas pelos índios, por essas civilizações latino-americanas. Era muito empolgante para os alunos, era muito interessante. Então esse assunto foi assim, muito bom, né? Trabalhamos alguns filmes também, mas eu acho que as aulas eram mais interessantes, as aulas e os textos, né?

Notamos na fala da professora que alguns dos temas tratados na sala de aula, como as civilizações Inca, Asteca e Maia também foram considerados pelo professor Mário. Isso, possivelmente, se deve ao fato de que esses temas já fazem parte do arcabouço de conteúdos incluídos em propostas curriculares, como os PCNs. Ainda sobre os povos ameríndios, a inclusão de uma disciplina, que trata especificamente sobre a América Latina possibilitou que a professora abarcasse outras sociedades que não são encontradas como conteúdos a serem veiculados nas propostas curriculares.



Nesse sentido, Goodson (1995) afirma que embora o currículo tenha primazia e domine a maior parte das ideias que as pessoas têm sobre o que seja realmente aprendido, ele não é único nas escolas. Portanto, o depoimento dado pela professora Ivonete demonstra que a disciplina de “Estudos Latino-Americanos”, ao trazer outros conteúdos que não estão presentes nas propostas curriculares, coloca em evidência o que foi exposto pelos especialistas do GT do ensino de História e Geografia do MERCOSUL, sobre a importância de olhar o “outro” latino-americano, conhecer sua história, seu patrimônio cultural e descolonizar a História.

Assim, dos testemunhos dados pelos professores brasileiros, atentamos que a professora Ivonete e o professor Mário se detiveram a tratar dos conteúdos da América Latina sob a perspectiva da comparação, o que parece se caracterizar como um método (KRAWCZYK; VIEIRA, 2003), por ser um recurso preferencial utilizado por eles na operação de suas análises, no contexto da sala de aula.

A professora Ivonete ao utilizar a comparação faz uso das diferenças temporais e escolhe em meios sociais diferentes fenômenos, que apresentam analogias (AGUILAR, 2000). Assim, não fica apenas no passado, ela compara o passado, busca relações e semelhanças entre as civilizações, procurando trazer o que mais se aproxima da identidade dos alunos. Ela constrói nos alunos a representação do que seria essa integração latino-americana, no sentido de um passado que nos torna compatíveis, atenuando os antagonismos que nos dividem e desenvolvendo concretamente a solidariedade (MARRA, 2008).

Os testemunhos citados, ainda mostram a existência de uma autonomia, seja dos livros didáticos ou das propostas curriculares, do que é praticado no contexto da sala de aula. Nessa perspectiva, é possível destacar que os saberes dos professores provêm da cultura pessoal, da história de vida, da cultura escolar anterior, dos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade e dos conhecimentos curriculares (TARDIF, 2000), assim como, criam novos sentidos, representações e interpretações (CHARTIER, 1991) dos conteúdos, no contexto da sala de aula.

Sobre os professores argentinos e o que eles têm veiculado da América Latina em suas práticas, começamos com o relato da professora Edith.



Quando trabalhava a ordem colonial como tema, no quarto⁶ ano, trabalhávamos com a solução de problemas. Trabalhamos como se constitui o sistema colonial, o caso da América espanhola, da América anglo-saxônica e da América portuguesa. Trabalhava como se constrói, quais são as formas com as quais se ocupa o território, como é o sistema de tomadas de decisões, o que essas sociedades produzem, materialmente falando, como trabalhavam com quem trabalhavam com quem faziam trocas, que tipo de distribuição se fazia, que tipos de relações tinham com a Metrópole. A resolução de problemas se trabalhava aí também. Trabalha-se com imagens, pois são interessantes para visualizar, também se trabalha com filmes que permitem trabalhar alguma temática. Mas material audiovisual é muito mais difícil de encontrar. Por outro lado, quanto à ordem colonial, há filmes que te permitem aproximar essa questão do aluno. Trabalho com relatos. Quando trabalho em resolução de problemas, trabalho com fontes de diferentes tipos, ou seja, fontes primárias, fontes documentais ou também relatos de vida. Relatos de indígenas que trabalhavam nas minas, que contam suas vidas, ou relatos de comerciantes e as implicações de uma viagem do Porto de Buenos Aires até Potosí, quer dizer, o tempo que levavam, quais os lugares que passavam, os tipos de vida que observavam em suas caminhadas, onde descansavam ou quem se vinculava com os negócios das mulas. Procuo dar conteúdos de carne e osso aos alunos para que vejam que são humanos, porque corremos o risco de que vejam isso somente como processo, e falta essa relação micro/macro, o que me parece ser interessante para trabalhar. No quarto ano, trabalhei basicamente isso. O que eu fazia era uma relação entre o tipo particular de dependência daquela época com a dependência dos dias atuais. Que tipo de dependência existe hoje? Tratava de mostrar que o processo de dependência se construía daquela forma e hoje as dependências podem ser de outra forma.

Deste fragmento da entrevista, observamos que, basicamente, para o quarto ano a ordem colonial foi o único tema veiculado. Perguntamos então para a professora, se havia outras unidades que trabalhavam com o tema América Latina no quarto ano. Em resposta, a professora Edith relatou que “seria só esta unidade, porque depois trabalham Europa (transição do feudalismo ao capitalismo) e depois trabalham a Revolução Francesa, a ilustração e tudo isso, ou seja, tem outros conteúdos. Este é um conteúdo a mais, não é que está tudo programado”.

O que podemos destacar desses dois fragmentos é que a professora Edith, necessariamente, não está tão preocupada com o volume de conteúdos transmitido e sim em como trabalhá-los de modo que os alunos se apropriem de “conteúdos de carne e osso”, construindo a representação de que foram os homens, como “nós” ou como os alunos, que fizeram este passado histórico. Segundo o que ela tenta mostrar, é que se inscreve uma competência metodológica que a faz seguir as orientações mais atuais sobre a prática no ensino de História como, por exemplo, trabalhar com

⁶ No caso da Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, por fazer parte de um plano piloto da universidade, a grade curricular se diferencia das demais jurisdições de Córdoba e do programa em nível nacional. Assim, os anos que equivalem à antiga sétima e oitava série, no Brasil, são respectivamente o terceiro e quarto ano do secundário no Manuel Belgrano. Entretanto, pesquisando a grade curricular da escola, observei que o terceiro ano está inserido no ciclo de formação geral e nele não está incluída a disciplina de História, mas sim a formação em ética e cidadania.



problema, trabalhar com imagens, a relação macro e micro, a relação passado e presente. Esta abordagem não exclui o processo de integração latino-americana, uma vez que são possíveis outras projeções na forma de ensinar a história, que permite aos alunos se reconhecerem como parte da história e se responsabilizarem pela história que está por vir (III Seminario sobre la Enseñanza de la Historia y de la Geografía, 2002).

Os conteúdos, referentes ao tema da ordem colonial, não foram citados por nenhum dos três professores brasileiros como sendo conteúdos veiculados em sala de aula. Contudo, quando olhamos as propostas curriculares difundidas no Brasil, vemos a América Colonial inserida nas propostas dos anos de 1895, 1929, 1931, 1942 e nos PCNs. Nos Contenidos Basicos Comunes⁷ (CBC), o tema da ordem colonial aparece como aporte de um conteúdo mais abrangente, pois ele está arrolado no tema referente aos “Modos de Relacionamento entre a Europa e os Mundos não europeus”.

Olhando o Plano de Estudos, Educar para el Futuro (2000), da Escola Superior do Comércio Manuel Belgrano, no quarto ano do ensino secundário não é possível identificar claramente o tema da ordem colonial exposto pela professora Edith. O eixo temático do quarto ano é a “Transição do Feudalismo para o Capitalismo”. Neste eixo temático, sobre a América Latina está presente o tema da “Incorporação de outros continentes: Ásia, África e América” e os “Movimentos Independentistas da América”.

Atentamos que a professora Edith ao trabalhar com os conteúdos sobre o tema da ordem colonial, não o coloca como aporte de um conteúdo mais abrangente. Essa percepção fica mais clara quando a professora afirma, num outro trecho da entrevista que, o trabalho com este tema “seria uma unidade que pode variar, dependendo do tempo, pode levar um mês, um mês e meio”. Nesse sentido, podemos dizer que a professora Edith se assemelhou aos professores brasileiros ao fazer uso de táticas para a apropriação de outro conhecimento, que foi além do descrito nas propostas curriculares ou no plano de estudo da escola.

Da narrativa feita pela professora Edith, citamos anteriormente, que o tema da ordem colonial consta nos CBC. De fato, ela não exclui o que tem sido prescrito pelas propostas curriculares das orientações para trabalhar os conteúdos sobre a América Latina: “Depois de definir

⁷ Proposta curricular veiculada na Argentina.



meu posicionamento, então recorro a qualquer tipo de proposta que me pareça interessante ou senão às próprias propostas, às produções próprias, a partir de leituras de autores”.

Aqui, semelhante à professora Ivonete, ela define seu posicionamento para posteriormente fazer uso da cultura pessoal, dos conhecimentos disciplinares e dos conhecimentos curriculares, para criar sentidos, representações e interpretações dos conteúdos no contexto da sala de aula. Tratando-se da professora Teresita, no seu trabalho com os conteúdos no primeiro ano, em Córdoba⁸, comenta que:

[...] no primeiro ano, sobre América Latina, as primeiras civilizações americanas. O material, como eu te comentava, mesoamericana, Astecas, Maias e Incas. Quanto ao material, sempre contamos com algum texto. Temos um material base para trabalhar, mas gosto que os alunos pesquisem. O livro didático tem informações muito resumidas, e a partir daí eles pesquisam. Eles escolhem uma dessas culturas ou civilizações e se aprofundam nela. Geralmente, gosto que eles preparem em forma de aula, assim aproveitam mais o conteúdo e se entusiasmam, buscam informação e se envolvem mais, o que geralmente não ocorre numa aula expositiva. [...] Quando os recursos não estão disponíveis, incentivo os alunos a participarem da aula, motivando-os a pesquisarem temas cotidianos, os meninos se aproximam demais de temáticas referentes à guerra. Tem interesse pelas organizações políticas, econômicas, quais eram suas crenças, informando-se sobre os lugares de assentamento, como satisfaziam suas necessidades e recursos. Os alunos ficam muito entusiasmados quando preparam suas aulas.

Sobre o segundo ano, ou nono ano, a professora Teresita descreve que:

No segundo ano se vê mais a história colonial. Como te disse, não se aprofunda muito, apresentamos contextualmente, e os conteúdos são desenvolvidos de forma expositiva. Quando abordamos a colonização, abordamos muito superficialmente a colonização portuguesa, a colonização holandesa, inglesa e norte-americana. É visto superficialmente. O período da colonização não está dividido em América espanhola e portuguesa. Tudo isto incluímos naquilo que concebemos como história latino-americana, porque os outros países da América Latina têm esta mesma história, mas, na verdade, é uma história da América portuguesa e da América espanhola. Claro, mas nós consideramos América Latina como as origens, porque inclusive nessa época não poderíamos falar de um território argentino.

Tanto os conteúdos dados no primeiro ano como o tema exposto no segundo ano têm a representação do passado da América Latina. Contudo, o enfoque metodológico dado por ela na forma de trabalhar esses conteúdos é que permite problematizar a questão da identidade e da integração porque, ao incluir os alunos no processo de construção do conteúdo possibilita que eles pesquisem e se aproximem do que se identificam, do que lhes é comum, criando, assim, modos de apropriação que podem produzir sentidos aos objetos sociais reencontrados e escolhidos (GIUST-DESPRAIRIES, 2005).

⁸ Equivale ao oitavo ano nas demais províncias da Argentina.



Fato a ser observado é que os dois temas selecionados pela professora estão arrolados entre os conteúdos do Contêntidos Básicos Comunes. No entanto, o tema das sociedades indígenas não aparece nos CBC como o aporte de um conteúdo mais abrangente, como é o caso do tema da colonização da América. Nesse sentido, a fala da professora Teresita sobre os conteúdos dos dois temas é mais extensa na descrição do que é praticado nas sociedades indígenas do que na América Colonial. Isso pode ser resultado ou não do modo como o tema é veiculado no próprio CBC; ou pode decorrer do fato de que a temática indígena faz parte da América Colonial; mas, também é possível dizer que a memória é geradora de recordações que seleciona consciente ou inconsciente, as histórias no momento do relato (FRANK, 1999). A professora Mercedes relata que:

No quarto ano, quando trabalhamos o contato do Europeu com a América Latina. Fazemos o primeiro contato com a América Latina desde quem viveu aqui antes da chegada dos europeus e qual vai ser, ou seja, tratar de ressaltar a riqueza cultural dos povos originários da América antes da chegada dos espanhóis, suas características, para apagar esta ideia de que quando chegam os europeus, eles seriam a grande civilização e que aqui não havia nada; como se tudo fosse um atraso. Procuramos mostrar o contrário: que havia uma grande diversidade desses povos, desde aqueles que ainda estavam na etapa do paleolítico àqueles que estavam muito avançados e que podiam competir com avanços, não com todos os avanços dos europeus, mas em algum sentido, sim. Isto por um lado, depois temos todo o processo da colonização com suas características e depois como vão relegando os povos originários, e como os filhos dos espanhóis nascidos na América (criollos) vão se tornando os protagonistas. Quando eu estava na outra escola, abordei o plano continental de San Martín, porque é um plano para emancipar toda a América Latina. Ver o papel importante não só de San Martín, mas também de Simón Bolívar e de todos aqueles que de alguma maneira estiveram envolvidos na independência da América. Depois, mencionamos as diferenças dos movimentos revolucionários na América Latina, quem participava num e quem participava em outro, fazendo a comparação com México, por exemplo, onde houve uma grande participação da população nativa, muito diferente do nosso processo revolucionário, cujos criollos, filhos de espanhóis nascidos na América, eram os que participavam. A população nativa esteve ausente ou não participava neste momento.

Os três temas abordados pela professora Mercedes estão prescritos nos PCNs do Brasil e nos CBC da Argentina, e, também, estão expostos nos relatos dos professores brasileiros e argentinos. Um aspecto, que observamos a respeito do tema sobre os povos originários da América Latina é que, embora a professora Mercedes, juntamente com os professores Mário, Ivonete, no Brasil e Teresita, na Argentina, tratam dos conteúdos referentes a este tema; há uma aproximação maior do relato da primeira com os relatos dos professores brasileiros, porque os três têm a preocupação de criar representações positivas sobre estes povos, usando diferentes táticas de apropriação do conhecimento. A professora Ivonete compara a grandiosidade das civilizações da Antiguidade com a grandiosidade das civilizações ameríndias; o professor Mário traz o que foi



legado por estas civilizações para a sociedade atual, apresentando aos alunos o conceito de zero, a drenagem de um pântano, a arquitetura e a engenharia das construções; e a professora Mercedes ressalta a riqueza cultural destes povos.

O que vimos no relato da professora Mercedes e, já citado anteriormente, é que os conteúdos tematizados por ela estão prescritos na proposta curricular veiculada na Argentina. Contudo, quando questionada a respeito das orientações que segue para trabalhar os conteúdos latino-americanos em sala de aula não faz nenhuma referência aos CBC ou a outra proposta curricular. Partindo para a entrevista com a professora Eugênia, encontramos o tema alusivo à América Latina, antes da chegada dos europeus.

[...] Não se vê nenhum tema em história, no primeiro ano, relacionado com a América Latina. No segundo ano, a abordagem que se faz sobre América Latina é sobre a América antes da chegada dos espanhóis. Minha abordagem era sobre a diversidade cultural que havia na América Latina; essa era a visão que eu transmitia. Qual foi a origem do homem? As diferentes teorias sobre a chegada do homem na América e a diversidade cultural que havia quando chegaram os espanhóis; as culturas mais desenvolvidas: Maias, Astecas e Incas, e depois se vê a situação de Argentina, seus diferentes povos originários e em que condições se encontram estes povos na atualidade. Faço algumas análises de notas de jornais, de artigos recentes, ou de algumas páginas ou sites Web que manifestem os direitos destes povos, quais são suas vivências na atualidade e as contribuições que nos dão? Nos textos estudados, recordo que eles também têm muitas coisas que nos ensinar, tais como o respeito pela natureza, a ajuda mútua em suas comunidades, são heranças que nós perdemos e que precisamos recuperar. A proteção à infância, o cuidado e o respeito aos anciãos. Resgatar estes aspectos para a realidade atual. Utilizamos muitos recursos, desde o livro didático, resumos. Tive a sorte de estar em Machu Picchu, em Quíchua, isso também muda a visão da gente e da realidade, todos os recursos [...] Bom! agora com os vídeos e as páginas Web há muitas coisas incríveis que se pode fazer. Muitas imagens. As imagens são portas que abrem a inquietude e prendem a atenção dos alunos. O que queira trabalhar, pode trabalhar com o livro, com a contribuição dessas novas tecnologias, que nos permitem mobilizar muito mais os alunos.

Com a professora Eugênia há também a tentativa de construir uma representação positiva dos povos ameríndios, que pode estar vinculada ao fato de que a imposição de uma visão eurocêntrica na América Latina construiu imagens depreciativas das experiências históricas dos povos ameríndios (OLIVEIRA, 2011). Todavia, assim como os demais professores, ela fez um uso distinto de táticas para que determinado conhecimento fosse apropriado pelos alunos. Por intermédio de aproximações com o tempo presente, trouxe conteúdos que caracterizam as contribuições destes povos e o que eles têm a ensinar sobre o respeito pela natureza, a ajuda mútua em suas comunidades, a proteção à infância, o cuidado e o respeito com os anciãos. Ela buscou identificar os alunos com objetos sociais que caracterizavam os povos ameríndios, possibilitando a



construção de outros modos de apropriação destes objetos sociais selecionados (GIUST-DESPRAIRIES, 2005).

Dessa observação, destacamos que a professora Eugênia foi a única a trazer dentro do tema dos povos ameríndios o conteúdo sobre as diferentes teorias da chegada do homem na América. Este conteúdo não está claramente prescrito nos CBC, pois sobre a origem da humanidade, a proposta prescreve, como eixo temático, o estudo dos conteúdos das civilizações indígenas da América e da África. Muito embora não esteja claramente publicado nos CBC, o conteúdo sobre as diferentes teorias da chegada do homem na América, no que se refere às orientações que a professora Eugênia tem seguido para trabalhar a América Latina no contexto da sala de aula, expõe o uso da proposta curricular. “Ao pensar sobre América Latina, os conteúdos dos povos originários e o que significou o processo de dominação espanhola é uma proposta feita pelo governo nacional e há uma adequação curricular”.

Considerações Finais

Finalizando as observações sobre o que tem sido proposto sobre a América Latina no contexto das salas de aula do Brasil e da Argentina, vimos que limitação de ter, praticamente, à sua disposição o que tem sido veiculado pelas propostas curriculares possibilita o predomínio nas práticas dos professores de temas que compõem o arcabouço da seleção de conteúdos de História, que seguem uma tradição já consolidada.

Entretanto, mesmo diante das limitações aqui apontadas, os professores têm demonstrado ter à mão a capacidade criadora de dar novos significados ao prescrito. Segundo Chartier (1991), os que leem os textos não os leem de maneira semelhante, porque os leitores não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e não entretêm uma mesma relação com o escrito. Ao ler e produzir outros significados, os professores parecem ter compreendido que as limitações do prescrito podem ser “transgredidas” pelo movimento da tática, descrita por Certeau (2008), que se aproveitando das ocasiões, da ausência de um lugar do poder e do querer, introduz possibilidades de ganhos por intermédio da invenção, da aquisição de novos conhecimentos, da inclusão de outros recursos e referenciais de aprendizagem e da inserção de sua cultura pessoal e de sua formação escolar anterior, possibilitando assim, alguns sinais de tentativa da formação da identidade latino americana.



Referências

- AGUILAR, Luis Henrique. **Estado desertor**: Brasil e Argentina nos anos de 1982-1992. LaPPlanE/FE, 2000.
- ARGENTINA. Centro Información y Documentación. **III Seminario sobre la Enseñanza de la Historia y de la Geografía**, 2002.
- ARGENTINA. **Contenidos Basicos Comunes para la Educacion General Basica**. República Argentina: Ministerio de Cultura y Educación de la Nación/Consejo Federal de Cultura y Educación, 1995.
- BENCHIMOL, Karina. Los profesores de Historia y el papel de la lectura en sus clases. **Clío & Asociados – La Historia Enseñada**, Santa Fé/La Plata, n. 14, p. 57-71, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo v. 5, n. 11, p. 1-15, 1991.
- ESCOLA SUPERIOR DO COMÉRCIO MANUEL BELGRANO. Universidad Nacional de Córdoba, Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano. **Educar para el futuro**: plan de estudio de 1999. Nivel Secundário e Nivel Terciário, 2000.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. (Org.). **Questões para o tempo presente**. Bauru: Edusc, 1999.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e terra, 2007.
- GIUST-DESPRAIRIES, Florence. A identidade como processo, entre ligação e desprendimento. In: ZUGUEIB NETO, Jamil. **Identidades e crises sociais na contemporaneidade**. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.
- GOODSON, Ivor. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KRAWCZYK, Nora; VIEIRA, Vera Lucia. Estudos comparados nas análises sobre a política educacional da América Latina. In: KRAWCZYK, Nora; WANDERLEY, Luís Eduardo (Orgs.). **América Latina**: estado e reformas numa perspectiva comparada. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **O ensino de história e geografia no contexto do MERCOSUL**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MARRA, Teresinha Aparecida Mendes. Integração latino-americana e sua inserção no mundo globalizado. **Revista Mosaico**, v.1, n. 2, p. 245-260, jul./dez., 2008.
- OLIVEIRA, Susane Rodrigues. A América indígena antes de 1492: saberes históricos e representações nos manuais didáticos escolares. In: **Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História**, Florianópolis, 2011.



PONTORIERO, Gustavo. Las ideas de la CEPAL en la construcción de la identidad intelectual latinoamericana. In: ARGENTINA. Centro Información y Documentación. **III Seminario sobre la Enseñanza de la Historia y de la Geografía**, 2002.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. Brasília: Editora UNB, 2001.

SOUZA, Ivonete da Silva. **A autoridade da fonte**: como professores de história utilizam o livro didático. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.